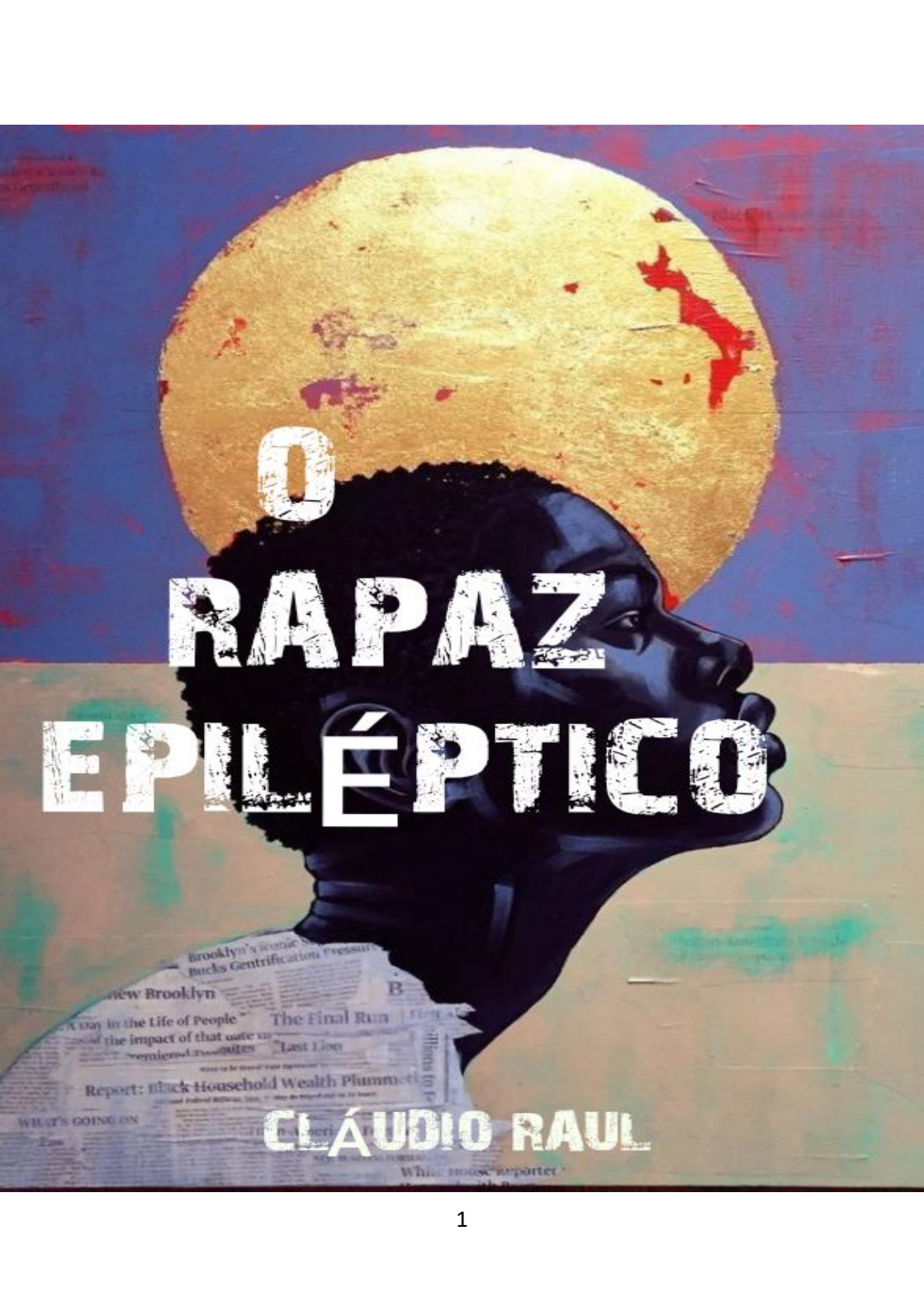




O RAPAZ EPILÉPTICO

CLÁUDIO RAUL

CLÁUDIO RAUL

“O Rapaz epilético ”

Dados do autor

WhatsApp: (+244) 952 024 377

Email : raulclaudio547@gmail.com

ISBN :. 978-989-33-7406-1

Facebook: Cláudio Raul

Instagram: Cláudioraul7

É expressamente proibida a reprodução parcial, ou integral deste material, seja por meio eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou bancos de dados, sem a prévia autorização do autor, ou da editora J.E.Z.

“A pior parte de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você se comporte como se não tivesse ”

“ Arthur Fleck, o Coringa. ”

Ele sempre me chamou atenção no bairro em que vivíamos. Eu já ouvia alguma coisa sobre ele, devido a sua doença, mas nunca procurei me aprofundar em saber mais ao seu respeito, sempre procurei me distanciar de tais coisas. Mas por dentro, quando tivesse a passar diante dele, surgia-me sempre alguma inquietação sobre o mesmo, calmo e solitário que ele era, passava sempre despercebido nos olhos das pessoas, era como se fosse um homem transparente. Excepto, quando as pessoas fossem solicitar o seu trabalho, pois ele era sapateiro, não era um dos melhores do bairro, e não levava a fama de melhor, entretanto fazia o seu trabalho e bem feito.

Certa vez, meu sapato, havia descolado, olhei o jeito que se encontrava, parecia ainda ter uma solução, peguei o sapato, e coloquei na sacola. E fui a procura de um sapateiro, minha mente me induzia naquele que levava a fama do melhor do bairro. Quando tentava se aproximar, reparei que o rapaz também estava com a sua bancada montada. Curioso que eu sou, pois o mesmo sempre me suscitava curiosidade, decide então optar por ele.

— Bom dia, – cumprimentei-o

— Bom dia respondeu ele. Com um sorriso ligeiro, mas com olhar de desconfiado, olhou para mim e disse;

— Então o que queres boss?

— Eu quero que dás um jeito aqui,– falei mostrando logo a abertura do sapato.

Ele olhou reparou, e logo em seguida voltou a perguntar

— Cozer e meter cola?

— Sim,– eu disse.

— Vai custar 400 kz – falou.

— Darei-te 300 eu disse, como todo negócio, tem sempre desconto.

Ele havia dado um sorriso, um sorriso que me pareceu sincero, e logo depois também comecei a sorrir, e ele em seguida, voltou a dizer;

— Você mesmo que é minha família, ainda me pede mais desconto.

Eu fiquei um pouco espantado com o seu comentário, e logo em seguida retruquei.

— Família?

— Sim, você é sobrinho da Mimi, minha tia. — ele disse.

Depois do seu comentário voltei á sorrir, claro que eu tinha por aí umas três tias com nome de Mimi, mas não sabia qual delas ele se referia, mas também achei que ele tivesse a me confundir com alguém,afinal,a fama que ele levava de ser uma pessoa, que sofre de perturbações, me levou a essa conclusão, então aproveitei o momento, e voltei a sorrir, se calhar,— fiquei pensando — era o início de uma convivência, entretanto,decide responder.

— Verdade. Sim, sou sim.

— Então, estás á ver,— ele disse, eu te falei,— continuou. — Eu até fico malaique quando você passa e não me saúda.

Agora o meu semblante era de seriedade, com que então ele também reparava em mim, fiquei pensando.

— As vezes quando eu passo, estou sempre apressado, e dificilmente olho, nas laterais – falei.

— Mas não tem problema,— ele disse, – vou resolver tudo, vem buscar as 12h – Concluiu.

— Está bem – eu disse.

Fiz o pagamento e em seguida me retirei, estava feliz, pelo simples facto de poder conversar com ele. Afinal de contas eu havia tido a certeza que ele era uma pessoa bem lúcida, e acolhedora, não do jeito daqueles comentários pejorativo que as pessoas comentam sobre ele. Ou, a fama que ele leva de ser uma pessoa doente mental.

Naquele dia saí daí com a certeza que havia feito uma grande amizade.

Quando Eram 12h pedi para o meu irmão cassula ir buscar os sapatos. E de facto, gostei do resultado, ele havia feito um belo trabalho.

Passou-se alguns dias.

Agora, sempre que eu tivesse á subir para rua cima, eu tinha que o saudar, e ele como sempre

respondia com um grande sorriso e satisfação. Pelo menos para mim, ele já não precisava mostrar aquele semblante de solitário e melancólico que na maioria das vezes pairava ao seu redor, ou perante as pessoas que os menosprezavam, ou que o olhassem com certo preconceito, na verdade eu nunca antes havia entendido direito o quê de facto, se passava com ele até chegar aquele dia.

Era mais um dia de trabalho como sempre, eu já estava preparado, mas não tinha dinheiro da mota, então tinha de subir á pé até na ponta da cuca e pegar o táxi de Viana. Decide então ir, enquanto caminhava ouvindo música através dos auriculares, *“Linkin Park, o novo Álbum, from zero “* debaixo daquele sol escaldante das 12h, uma moto havia passado bem perto de mim que me levou ao susto, fiquei olhando na velocidade com que o motoqueiro andava, era impressionante e perigoso, enquanto meus olhos me distraía a acompanhar ele que já estava bastante avançado, reparei que havia alguém deitado no chão, se esticando como se tivesse a ser possuído por uma ser paranormal, até, achei que tivesse sido o

motoqueiro o causador, mas, quanto mais saltitava o seu corpo, ele esticava a sua mão que parecia como se tivesse a pedir prece para Deus, fiquei assustado pois era a primeira vez que eu presenciava alguém naquele estado, comecei a caminhar lentamente quanto mais se aproximava a pessoa deitada me parecia familiar, pois era perto do local onde o meu novo amigo fazia o seu trabalho, reparei que não havia ninguém na sua bancada, me aproximei e quando olhei, era ele que estava deitado, ao chão, espumando pela boca, havia uma senhora, que parecia sua mãe, ou talvez sua avó, não cheguei de perguntar, pois estava confuso com a situação toda, que apenas fiquei parado, estático, não conseguia me mexer para lhe ajudar, estava com medo, essa doença levava a fama que era contagiosa, não sei quem havia me dito mas eu carrega esse medo, entretanto permaneci em uma espécie de paralisia, eu não quis acreditar no que estava vendo. Mas, eu olhava para as pessoas passando como se nada tivesse acontecido, claro que elas também não tinham a obrigação de parar, mas ao menos deveriam se calhar mostrar que tivessem ou estão a sentir alguma coisa, como empatia ou solidariedade. Naquele momento, parecia que ninguém se surpreendia com a situação; o

semblante era notório. As pessoas mostrava-se cansadas e aborrecidas com a situação. Talvez eu fosse quem estava pensando e se importando demais. Dava a entender que algumas esperavam que ele se levantasse e que deveria parar o que estava fazendo e passar a agir de forma normal, apesar de saberem da sua doença.

— Isso é uma cruz que a mana Nogueira está a carregar – falou uma das senhoras que passava com a banheira na cabeça.

— Esse até pode mbora ir! – para poupar o sofrimento da mãe, – respondeu a senhora ao lado.

— Todos os dias ter que cuidar de um filho assim, – é sofrimento! – relatava ela – outros comentários parecido surgiam em volta.

Procurei ignorar, embora que pretendia falar alguma coisa, mas só de saber que eu também não estava a fazer nada, isso me deixava iguais a eles, quando fui prestando um pouco de atenção, parecia que já era uma coisa bem habitual, e pelo semblante e acalmaria da senhora que se fazia presente, dava entender tudo isso. Mas para mim, aquilo foi um choque de realidade, cada suspiro e salto que ele dava

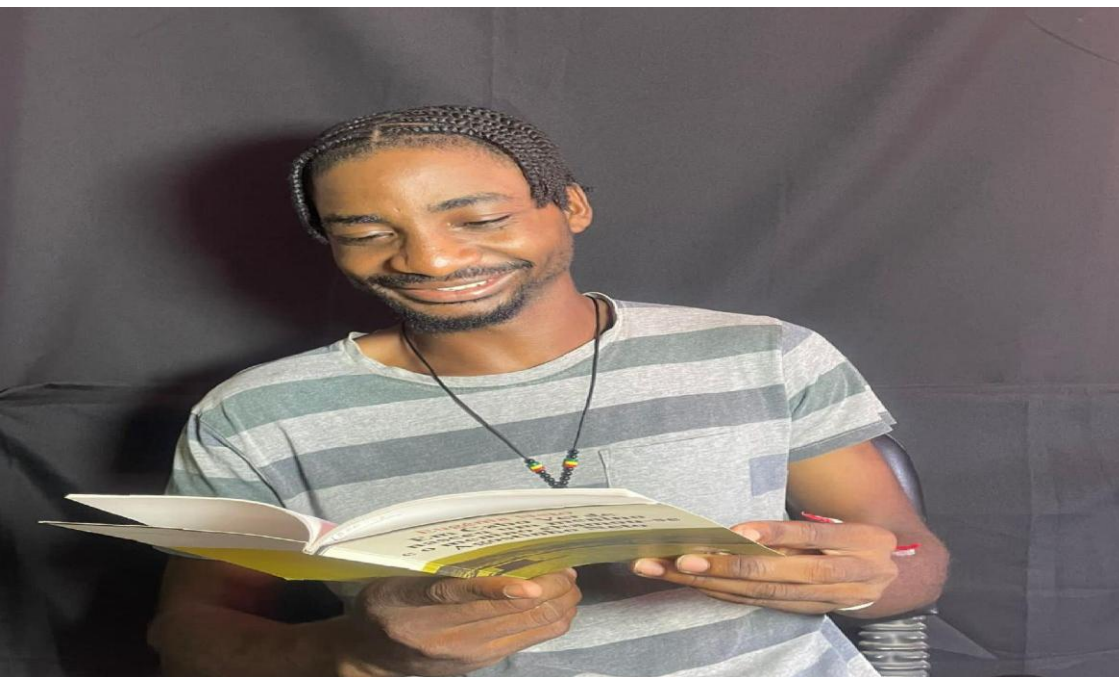
de gota. Uma voz dizia dentro de mim, força amigo,acorda,vai, luta, dará tudo certo. Depois, ouve uma pausa, sua cabeça acabou rolando de lado, bem na minha direção, seus olhos estavam brancos, e me encarando, achei que ele tivesse recuperado a consciência mas estava enganado, logo em seguida começou novamente...

A senhora que parecia sua mãe, decidiu lhe levantar, e lhe colocar sentado, só assim é que ele recuperou um pouco, se levantou começou a andar de um lado para outro, e logo depois se sentou, colocando suas mãos na cabeça, como se fosse a refletir em tudo que havia acontecido. Naquele momento, olhando para ele, para o meu amigo, senti e compreendi seu isolamento, compreendi aquele sorriso, compreendi aquela tristeza. Nós, é quem éramos os verdadeiros loucos; ele era apenas um homem normal em um mundo louco, um mundo que o julga por uma doença permanente que ele não escolheu ter. Como pode uma pessoa que se acha normal exigir que alguém que sofre de uma doença permanente ou de perturbações mentais seja normal de uma hora para outra?

Se ser normal é pensar desse jeito, então prefiro ser um louco solitário e afastado como o meu amigo. Mas, naquele momento, olhei para ele com tristeza. Sim, eu sou sua família – falava dentro de mim,— sou seu amigo, e tu não estás sozinho, estou contigo. Eu te entendo; agora compreendo sua solitude, sua angústia. Você não tem culpa, és apenas uma vítima. As palavras dentro de mim eram secas. Pois eu me sentia culpado e incapaz por não ter feito nada a respeito, por ter ficado parado como os outros. Senti-me um deles.

Decide então dar meia volta, e ir para o meu trabalho, pois não quis que ele me visse, e ter que deixar as coisas estranhas do jeito que já haviam sido.

Agora sei que aquela doença é uma cruz que ele carrega, é a praga que não curará, e que lhe perseguirá pelo os restos de sua vida, É uma pena que para nossa sociedade ele está condenado á uma vida de desprezo, preconceito, e discriminação, pois ninguém dá absolutamente a mínima para ele, Mas, independente da situação, meu amigo, ainda tem pessoas que se importam...



SOBRE O AUTOR:

Cláudio Raul da Costa Lourenço é um jovem angolano, nascido em Luanda no dia 22 de outubro de 1996. Formou-se em educação, com especialização em ensino primário, na escola Dom Bosco. Atualmente, é estudante universitário no curso de Psicologia e exerce a profissão de professor, além de atuar como ativista social. Também é um diletante e um entusiasta das artes e da literatura. Cláudio é colunista do Blogue Brasileiro Choque Cultura Buíque, onde mantém o espaço Escritas Inquietas. Neste espaço, ele aborda de

maneira única obras literárias que muitas vezes são consideradas impuras. Inspirado por Kafka, Cláudio acredita que todos podem vivenciar fortes emoções por intermédio de livros pesados. Nos momentos livres, ele adora ler e escrever e também menciona que ouvir rock e assistir a séries, filmes e animes impulsiona sua criatividade artística.